

FERNANDO CABRITA

O FENÓMENO DA SIMULTANEIDADE EM JOÃO DE DEUS



**PALESTRA PROFERIDA EM 8 DE MARÇO DE 1983
NO ROTARY CLUBE DE FARO**

ALGARVE/1985



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 88

Cota n.º 3-1
432

MUSEU DO TRAJE
São Brás de Alportel
Centro de Documentação



As dedicatórias são uma de duas coisas:
ou um gesto sentido e de largo significado para quem dedica e para quem recebe; ou meia-dúzia de palavras que estrategicamente colocadas ao canto sempre aumentam, sem esforço, o opúsculo em mais uma página.

Não me perguntem o que esta é porque nem eu mesmo sei.

Mas apeteceu-me, ao reler o texto na revisão de provas, dedicá-lo

À REPÚBLICA BACO

meu cordão umbilical com a cidade de Coimbra.

FERNANDO CABRITA

88

Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca

NOTA DA REDACÇÃO

Chegou ao nosso conhecimento, embora tardiamente, o Boletim do Rotary Clube de Faro de Março/Abril de 1983, e nele constatámos a inclusão da gravação da palestra proferida pelo nosso colaborador Dr. Fernando Cabrita, a convite daquele Clube, na noite de 8 de Março de 1983, no Hotel Faro.

Dada a importância de que se reveste tal palestra, pela sua originalidade e pela sua actualidade, intactas embora passado já mais de um ano, resolvemos hoje iniciar a publicação da mesma, com vista à sua eventual e futura inclusão na colecção de «Separatas da Voz de Olhão», o que fazemos com a devida vénia ao Boletim do Rotary Clube de Faro.

HOMENAGEM A JOÃO DE DEUS

Cumpre-me, antes de mais nada, agradecer o convite que me foi dirigido para participar neste agradável serão. Convite duplamente honroso, porquanto e em primeiro lugar constitui efectivamente para mim motivo de justo orgulho estar presente neste convívio rotário; honroso ainda e em segundo lugar, porque me é permitido juntar a esse prazer um outro maior, qual seja o de falar sobre esse grande poeta que se chamou João de Deus.

Cabe, no entanto, aqui um prévio esclarecimento: tinha-me o Sr. Fernando Alves, vosso presidente, pedido que da comunicação que redigisse sobre João de Deus reservasse um exemplar para publicação no vosso Boletim. Sucede porém que, nas diversas sessões em que tenho participado como orador — não tantas como eu gostaria, mas ainda assim já algumas —, ganhei um hábito: preferir falar a ler. Com efeito, entendo que existem alturas e momentos em que se deve ler e alturas e momentos em que se deve falar. Eu sempre privilegiei a oralidade directa à leitura. Para mais, tratando-se de falar sobre um Poeta, julgo preferível que o sentimento dite mais que o intelecto. E ainda porque, durante estas conversas, surgem por vezes algumas ideias que se podem encaixar num discurso que se vai construindo e que dificilmente se encaixariam num texto previamente elaborado.

Quero com isto dizer que não trago um texto escrito e que a minha... (eu não gosto da palavra «palestra»)... a minha conversa — que prometo informal e breve — terá apenas como base os ligeiros apontamentos que tomei durante a preparação deste trabalho, apontamentos que, com a vossa permissão, seguirei de vez em quando.

Isto que digo, não exclui todavia que venha a desenvolver esses mesmos apontamentos e os entregue ao Sr. Fernando Alves para eventual publicação.

Mas, falemos de João de Deus. Tarefa que se não me afigura fácil. Primeiro e desde logo, pelas minhas próprias limitações. Segundo, porque sobre João de Deus tanto se tem dito e escrito, tantos e tão bons têm sido os oradores e os estudiosos que sobre o Poeta e a obra se demoraram, que se torna difícil voltar a referi-lo sem correr o risco de repetir o que já foi falado, de repisar o que já está escrito, de cair em lugares-comuns estafados.

Mas tarefa que se não me afigura fácil, sobretudo e em terceiro lugar,

porque João de Deus é um poeta de tal modo elevado, um artista de tal modo sublime na sua simplicidade, uma personalidade de tal modo rica e curiosa, que imediatamente nos faz dar conta, ao nos voltarmos para ele e ao pretendermos estudá-lo, da imensa pequenez das nossas palavras e das nossas ideias perante a grandeza do poeta e o prestígio do seu estro.

Que dizer-vos, então?

Não tendo escolhido ou preparado propriamente aquilo a que se chama um «tema», propus-me no entanto, para esta conversa, um... digamos, um fio condutor, que consiste em chamar a vossa atenção para um curioso aspecto, uma curiosa faceta de João de Deus, pela qual me parece não terá sido até agora o Poeta abordado.

Esse aspecto a que me refiro é o do carácter simultâneo do Poeta, o da simultaneidade em João de Deus.

O que quero eu dizer com este termo «simultaneidade»?

Expliquemo-nos:

Ao falar em simultaneidade, não me refiro, evidentemente, a nenhum dom de ubiquidade ou a qualquer outro poder esotérico semelhante que João de Deus detivesse. É evidente que não!

Pretendo apenas referir e realçar essa peculiaridade da vida e da obra de João de Deus, que é a de conseguir reunir concomitantemente características não só distintas, como, até opostas, contraditórias.

É aí que reside a simultaneidade de que falo.

O nosso poeta foi, antes de mais, simultaneamente um mau estudante e um excelente mestre. Despreocupado com o estudar e o aprender, consagrou todavia parte importante da sua vida a ensinar.

Matriculado em Direito em Coimbra, no ano de 1849, por ali gastou dez anos (a sua Guerra de Tróia, como jocosamente lhes havia de chamar mais tarde) a conseguir um curso que normalmente se obtém em cinco. Consta que ele terá dito, a esse respeito: «Se o meu pai tivesse comprado propriedades em S. Bartolomeu de Messines com o dinheiro que gastou a fazer-me bacharel, eu era um dos homens mais abastados do Algarve».

Não era um aluno pouco inteligente note-se. Faltava-lhe, isso sim, era a paciência para decorar as sebatas, ouvir os professores, frequentar as aulas. Preferia, a isso, a estúrdia e a boémia coimbrã, as noitadas, as horas gastas a desenhar e a tocar guitarra, a companhia dos amigos e dos colegas até altas horas. Sempre preferiu, como ele mesmo dizia «as folhas das árvores às folhas dos livros». De tal modo que, concluído o curso em 1859, ainda por Coimbra se deixou João de Deus ficar mais três anos, na paródia e na alegria, onde tão boa impressão causou e tantos amigos conquistou.

Essa falta de paciência para estudar ficou-lhe mesmo depois do curso.

Afirmando à laia de divisa «mais coração e menos dicionário», e numa altura em que toda uma geração de artistas, escritores e intelectuais portugueses bebiam avidamente as doutrinas de Proudhon e Hegel, as teorias de Renan e Vitor Hugo, João de Deus afastava-se propositadamente dos centros de discussão ideológica e filosófica, recolhia-se à sua simplicidade de poeta apaixonado pelas coisas chãs, imediatas e naturais. O estudo nunca o atraíu em demasia e preferia, ao enfado dos livros, os longos passeios pelo campo, a vida calma e patriarcal dos camponeses humildes.

Mas, tendo sido um mau estudante, foi o nosso poeta um excelso e dedicado educador. Pela sua «Cartilha Maternal», gerações e gerações de portugueses — e alguns de vós também, certamente — soletraram, aprendendo a ler e a escrever.

O método da Cartilha Maternal revolucionou a forma de iniciar o ensino das primeiras letras e valeu a João de Deus, para além do azedume dos pedagogos mais conservadores e dos 900 réis, dos tardios 900 mil réis de pensão vitalícia atribuídos em 1888, o reconhecimento, o aplauso e a gratidão dos estudantes e dos professores portugueses, os quais tiveram (ainda em vida do Poeta) o ensejo de transformar uma homenagem que lhe era dedicada em Lisboa, a 8 de Março de 1895, numa autêntica apoteóse nacional a que o próprio Rei se associou numa manifestação que o biógrafo francês Brinn Gaubast definiu como mais espontaneamente unânime do que a que em França se realizou em relação a Vitor Hugo.

Mas, encontrei simultaneidade também noutro aspecto. João de Deus consegue ser, simultaneamente, conservador e revolucionário. Gostaria que estas duas palavras fossem entendidas em toda a sua plenitude e não na acepção meramente política.

Ao dizer que João de Deus foi um conservador, quero com isso referir o seu alheamento das novas ideias que instruíram os homens do seu tempo, o seu afastamento em relação às novas correntes filosóficas e literárias, às novas doutrinas. João de Deus manteve-se à margem dessas ideias, conservando-se, acima de tudo, fiel às suas próprias natureza e personalidade, tão particulares, peculiares e originais.

Embora contemporâneo dos poetas do «Novo Trovador» e dos chamados «Dissidentes de Coimbra» — que definiam e divulgavam novas correntes e novos métodos — quedou-se independente e sem ideologia definida, recusando enquadrar-se nesses movimentos de renovação.

No entanto, e aí reside o seu carácter revolucionário, não se coíbe de pôr em causa as formas literárias caducas e anquilosadas. É ele o primeiro antagonista de Feliciano de Castilho; é ele quem vai exercer em Antero de Quental uma influência, não direi decisiva, mas de certo modo considerá-

vel; é ele quem renova, no tema e na forma, o lirismo português, retomando a tradição lírica nacional, como é tão patente, por exemplo, no seu poema «Boas Noites», que decerto todos vós conheceis e que começa assim:

Estava uma lavadeira
a lavar numa ribeira
quando chega um caçador:
— Boas tardes, lavadeira
— Boas tardes, caçador

De facto, João de Deus vem plasmar na forma e na linguagem do século dezanove a grande corrente do lirismo nacional que prepassa pela nossa história literária.

E é João de Deus ainda quem revoluciona o método do ensino das primeiras letras, com a sua Cartilha Maternal. Brinn Gaubast, o biógrafo francês a que já me referi, afirmava ser a Cartilha a maneira mais simples, o método mais lógico e intuitivo de leitura, atraente, sem soletração ridícula. E a prova provada de que a Cartilha foi de facto uma verdadeira revolução, reside na já referida manifestação de gratidão dos estudantes e mestres portugueses ao seu autor e, ainda, na forte reacção que contra o novo método moveram os defensores das antigas formas de aprender.

Outra faceta de simultaneidade em João de Deus está na sua religiosidade e no seu anti-clericalismo, se bem que moderado, este.

O nosso poeta era um crente, um homem convicto da sua fé. A sua educação formou-o na religião oficial, a católica, e a sua mocidade foi influenciada por um sacerdote algarvio, que lhe moldou a alma às crenças da Igreja. A sua poesia transmite em vários passos essa sua religiosidade. Vejam-se, por exemplo, os poemas «Cruzifixo», «Deus», «Salvé Rainha», «Salmo» e outros.

Mas, religioso e crente, não discutia a existência de Deus com unhas e dentes, exacerbadamente; não fazia desse ponto o seu cavalo de batalha.

Quando, por acaso, discutia esse tema, procurava dar a entender que o problema da fé não era para ele uma questão primordial. E argumentava, não com questões e princípios filosóficos, mas somente com uma humilde e saborosa ironia. A Antero do Quental, que procurava demonstrar-lhe a não existência de uma entidade divina, João de Deus respondia simplesmente:

— Se eu me convencesse disso, da não existência de Deus, coitado de mim! Ficava a ser apenas o Sr. João de...

No entanto, pesando embora a sua religiosidade e o facto de ter tido a sua primeira educação dirigida por um padre, o autor do «Campo de Flores», não se inibe de atacar o clero e pôr a ridículo «aquilo que na Igreja, como instituição, merecia e merece a crítica e o desmascaramento.

Poemas como «Cambronne» ou «Padre Frei Francisco» são disso prova clara. Se me permitem, ler-vos-ei este último, que é uma peça de inegável humor cáustico e crítico:

Coro Padre Frei Francisco
 Usa trombelon
 Dominus vobisco
 Kyrie eleison

Padre é pai, haja cuidado,
Não te esqueças nunca disso!
Uma basta p'ró serviço,
Não te quero em duplicado.

(coro)

Vê lá, moça descuidada
Se te apanha que te atija;
Porque até dizendo a missa
Não perde um padre pitada.

(coro)

Moças, velhas, lindas, feias
Cautela com tais gazuas
Que eles não as têm suas:
Têm de se ir às alheias.

(coro)

Olho vivo, que em verdade
Pode achar-te a pinta boa,
E quem pecados perdoa
Pode pecar à vontade.

(coro)

Nas tais virgarias do Eterno
Nada de fiar, que é história,
Quem tem as chaves da glória
Que medo terá do inferno?

(coro)

Vê lá se lhe cais na pança
E se um dia o Santo Padre
Me chama a mim seu compadre
Sendo ele o pai da criança.

Mas ainda no que à forma da sua poesia respeita, continua João de Deus a patentear a simultaneidade.

Com efeito, nos seus poemas o nosso Poeta usa um número ínfimo de imagens, uma pobreza vocabular quase confrangedora, um limitado número de vocábulos e uma elocução poética, não quero dizer simplista, mas simplicíssima, fazendo bem lembrar as pastorelas e os cantares de amigo de antanho. Consegue, no entanto e não obstante isso, uma riqueza poética deslumbrante, evitando a monotonia com a introdução de metros variados e de diferentes ritmos.

Sem imagens de arrojado e sem figuras poéticas trabalhadas, João de Deus obtém uma verdadeira poesia carregada de expressão, de naturalidade, de simplicidade. As metáforas são normalmente repetidas: céu, sol, estrela, flor, cravo, pétalas, onda, praia, ave, asa, pomba, nuvem; mas a sua colocação no edifício poético confere a este uma totalidade que encanta e comove.

João de Deus é a prova de que a grande poesia se faz mais com sentimentos do que com palavras; era o que ele dizia: «Mais coração e menos dicionário».

É, assim, João de Deus um poeta que reúne em si mesmo uma pobreza imagística e vocabular quase extrema e uma grandiosidade poética indesmentível.

Na sequência desta ideia, João de Deus é ainda simultâneo ao denotar, na sua obra, em determinados passos, a afectação ultra-romântica (poemas como «Túmulo» ou «Tristeza» estão claramente concebidos na esteira da segunda geração romântica) e, em muitos outros, uma naturalidade absoluta, tão próxima do realismo.

O seu apego à natureza, à vida patriarcal e humilde das aldeias, ao esplendor da luz e do sol, pode explicar essa sua aproximação das formas realistas, sem as cambiantes cinzentas e pesadas dos neo-românticos.

João de Deus era, de facto, um amante da natureza e da vida. Gozava a vida com uma grande intensidade, amava viver. Os seus tempos de boémia coimbrã, o seu gostar mais das «folhas das árvores do que das folhas dos livros», dão-nos a ideia precisa desse seu imenso gosto de viver.

Mas — e eis nova simultaneidade — ele tinha a noção exacta e precisa da efemeridade da existência, da fugacidade dessa mesma vida que ele tanto prezava e amava.

Vou ler-vos um seu poema bastante conhecido, mas que comprova com clareza aquilo que acabo de dizer:

A vida é o dia de hoje,
a vida é aí que mal soa,
a vida é sombra que foge,
a vida é nuvem que voa;
a vida é sonho tão leve
que se desfaz como a neve
e como fumo se esvai;
a vida dura um momento,
mais leve que o pensamento,
a vida leva-a o vento,
a vida é folha que cai!
A vida é flor na corrente,
a vida é sopro suave,
a vida é estrela cadente
voa mais leve que a ave.
Nuvem que o vento nos ares,
onda que o vento nos mares
uma após outra lançou:
a vida, pena caída
da asa de ave ferida
de vale em vale impelida
a vida o vento a levou!

Eis, claramente expressa, essa clarividência de artista, essa certeza do poeta na brevidade da existência.

E quanto ao estilo, que poderemos dizer? Costuma dizer-se que um poeta ou um escritor se reconhecem pelo seu estilo. Mas João de Deus, sendo poeta e grande poeta, é um escritor sem estilo; ou melhor: o seu estilo é não ter estilo. O «Campo de Flores», por exemplo, é um conjunto de canções, elegias, odes, fábulas, sátiras, epigramas, etc., em que se revela tarefa improvável querer descortinar um estilo próprio que ligue ou una todas essas peças.

Aquilo que na verdade se encontra, em toda a obra, é uma grande, uma imensa sensibilidade poética e um enorme e elevado amor. O eterno feminino percorre a sua poesia, eivada de um amor simples, desafectado, próprio de um coração capaz de albergar os mais altos e puros sentimentos.

E foi esse coração, que ele sempre prezou mais que os livros e os dicionários, que lhe veio afinal a pregar a grande partida em 11 de Janeiro de 1896. Falecido nesse dia, repousa hoje no Panteão dos Jerónimos. Pen-

sou-se, talvez, que ao sepultá-lo aí, se lhe conferia a dignidade que a sua alma de génio imortal merecia.

Mas não era esse o seu desejo. Tinha dito, num dos seus poemas:

Chegado pois, Senhor! aquele dia
Que se me apague a luz que me alumia,
Deixai-me descansar onde repousa
Meu Santo pai e sua terna Esposa
A minha Santa Mãe!

Ser-me-á menos pesada a Fria Lousa...
Que a terra onde se nasce é mãe também!

Não entenderam, porém, assim, os que lhe sobreviveram. Por isso, celebramos hoje João de Deus afastados e longe dos seus restos mortais. Mas o seu espírito, a sua memória, o seu génio de poeta, esses estão bem presentes no coração e na mente de todos nós.

A melhor prova disso é esta nossa reunião desta noite.

Resta-me apenas reiterar os meus agradecimentos pela gentileza do vosso convite e, sobretudo, pela infinita paciência que demonstrastes ao ter a bondade de me escutar até agora.

Muito obrigado!

Composto e impresso nas oficinas da
Empresa Litográfica do Sul, S. A. R. L.
— Vila Real de Santo António —
— 500 ex. — 3 / 85 —

Biblioteca Municipal de Vila Real de Santo António

Centro de Cultura e Arte de Vila Real de Santo António

Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca



Casa da Cultura António Bentes

SEPARATAS DE «A VOZ DE OLHÃO»

- 1 — A luta contra os franceses à Ponte de Quelfes**
por J. Fernandes Mascarenhas
- 2 — António Henrique Cabrita, nadador prestigiado**
por Fernando Cabrita
- 3 — O Poeta João Lúcio — Apontamento Biográfico**
por Antero Nobre
- 4 — A População Olhanense — Sua Origem e Evolução**
por Antero Nobre
- 5 — O Doutor Fernandes Lopes — Apontamento Bio-
-bibliográfico — por Antero Nobre**
- 6 — O Centenário do Nascimento do Cônego Monsenhor
Dr. António Baptista Delgado**
por D. Ernesto Gonçalves Costa
- 7 — Grutas do Cêro da Cabeça — A «Gruta da Senhora»,
para possível aproveitamento turístico**
por um grupo de Jovens Espeleólogos
- 8 — O Fenómeno da Simultaneidade em João de Deus**
por Fernando Cabrita